

Migração ainda não é controlada

A advertência do Ministério da Saúde à respeito do perigo de migrações desordenadas de trabalhadores na Amazônia parece não ter ainda preocupado os responsáveis por projetos particularizados de mineração, agricultura e pecuária. Pelo menos até agora nenhuma empresa procurou as autoridades sanitárias para que seja feita seleção do pessoal que será levado para a área, com o objetivo de evitar que, através de um elemento doente, se verifique a disseminação de endemias não existentes na região — informou ontem o superintendente de Campanhas de

Saúde Pública — Sucam, Ernani Motta.

O Ministério da Saúde não pretende impedir que os trabalhadores se desloquem para a Amazônia, disse Ernani Motta, ao esclarecer que "o que se quer é apenas examinar as pessoas e, se for o caso, tratá-las antes que se dirijam à região". E observou que esse controle já vem sendo desenvolvido com êxito, no caso dos projetos governamentais, pois o governo federal compreendeu que a seleção feita pelo Ministério da Saúde constitui verdadeira garantia do investimento feito, uma vez que nenhum projeto pode ser executado por trabalhadores que não estejam em boas condições físicas.

"De acordo com a sistemática de desenvolvimento adotada — prosseguiu — é o próprio governo que estimula o fluxo migratório, pois as firmas e os indivíduos desejam se beneficiar dos grandes investimentos feitos. Mas é preciso conscientizá-los de que o Ministério da Saúde deve chegar na frente, conhecer com antecipação os planos e as áreas escolhidas para os projetos a fim de prestar orientação quanto às precauções a tomar".

"É muito comum — observou — a escolha para o local de acampamento de áreas perto das nascentes ou junto aos leitos dos rios. Isso significa a instalação de trabalhadores ao lado de viveiros de mosquitos que transmitem a malária, uma das piores endemias da região".